

## AS METAMORFOSES DA UNIVERSIDADE

(Conferência proferida na USP, em 1984, por ocasião das comemorações do Cinquentenário)

*Michel Butor*

Pediram-me para falar sobre o futuro da Universidade, o que me deu a sensação de desempenhar o papel de profeta ou de vidente, mas os problemas da Universidade que vou abordar são atuais, referem-se à sua mudança e à sua reforma, e é impossível abordar problemas de reforma universitária se não refletirmos sobre os caminhos que ela deve percorrer.

Portanto, não se trata, de forma alguma, de traçar planos para uma universidade futura, mas de refletir sobre a forma como esses problemas devem ser abordados hoje, quando os encontramos dentro da universidade.

Eu mesmo sou um universitário; ganho minha vida como professor na Universidade de Genebra, na Suíça. Trabalho numa universidade, com universitários; conseqüentemente, acredito no valor da universidade.

A resposta ao problema que vou abordar será, forçosamente, uma resposta positiva, mas, para abordá-lo convenientemente, é preciso utilizar a forma mais radical possível.

Hoje, realmente, as críticas contra a universidade vêm de quase todas as direções. Todas as universidades do mundo estão em crise. É preciso ressaltar que é uma crise que ultrapassa as classificações tradicionais. Isto é, atinge tanto os países do Leste, quanto os do Oeste, tanto os desenvolvidos quanto os subdesenvolvidos.

Em todos os países do mundo, as universidades se queixam de problemas financeiros. Em alguns países, são universidades pobres que se queixam de não terem dinheiro, mas não existe uma única universidade no mundo suficientemente rica. Assim, todas

as universidades têm problemas de financiamento, que estão ligados a problemas de imagem da universidade.

Para obter-se dinheiro para financiar o ensino universitário, é indispensável poder provar que ele serve para alguma coisa e, até mesmo, que é imprescindível.

Acontece que, nestes últimos anos, este é o aspecto questionado. Portanto, à crise interna da universidade — esta contínua necessidade de reformas que não se sabe muito bem como abordar e resolver — acresce-se um questionamento externo da universidade.

Em todos os países do mundo há pessoas que se perguntam se a universidade é útil. Bem, a primeira pergunta a ser feita é: — A Universidade justifica-se? Por que? E como ela pode continuar a se justificar e, conseqüentemente, a ser financiada pelo conjunto da sociedade?

É indispensável examinar o que dizem as críticas e expressá-las de forma radical para ver de que forma é possível responder a elas.

As críticas dirigidas ao conjunto das universidades no mundo inteiro podem ser resumidas em duas: a primeira é que a universidade é inadaptada. O ensino universitário, dizem, não está adaptado à vida contemporânea, isto é, a universidade não desempenha direito seu papel de formação, particularmente pelo fato de que os diplomas universitários não são suficientemente reconhecidos fora da universidade.

Dizem que o ensino universitário é ineficaz, que as pessoas que saem da universidade não são capazes de ocupar imediatamente um cargo e que é preciso oferecer-lhes um segundo ensino.

Então, muitas administrações, órgãos públicos e todo tipo de empresas colocam a seguinte pergunta:

— Não seria mais rentável dispensar a universidade e instituir o ensino dentro da empresa ou do exército, da marinha ou da companhia de aviação?

Isto, como vocês sabem, é algo que se desenvolve cada vez mais. Este ensino especializado no exército ou na empresa leva uma considerável vantagem, por saber a *quem* formar, de quem se tem necessidade e quais são os cargos a preencher. Pode-se, portanto, formar pessoas especialmente para estes cargos e, conseqüentemente, evitar-se completamente o problema do desemprego universitário.

Assim, vemos agora o desenvolvimento, em todos os países do mundo, de sistemas de ensino paralelo que podem, naturalmente, chegar a um alto nível.

Citei dois exemplos, do exército e das grandes companhias industriais. Todos os países do mundo não só oferecem ensino no exército, como também ensino superior ligado à pesquisa, que é mantida em segredo por motivos estratégicos. Assim, temos nas forças armadas e nas companhias privadas não só um ensino que chega, em certas áreas, a um nível comparável ao da universidade, como também uma pesquisa que pode ser pesquisa avançada.

Então, a primeira objeção à universidade é que ela é inadequada e a resposta à sua atual crise seria o desenvolvimento de escolas especializadas. A segunda objeção, ligada à primeira: a universidade é um mundo separado do resto da sociedade.

Pelo fato de estar separada é que é inadaptada, produzindo pessoas que não são adaptadas à sociedade contemporânea. Produz, portanto, uma sociedade ou uma subsociedade de inadaptados e descontentes. Assim, a universidade, tal como é, é ruim politicamente por ser um centro de agitação e, o que é mais grave, de desemprego universitário.

Portanto, os técnicos reprovam a universidade por ser ineficaz e inadaptada. Os políticos a reprovam por ser um lugar de distúrbios.

Bem, tentemos agora saber se a resposta, ou seja o desenvolvimento do ensino nas instituições, nas corporações separadas umas das outras, é a resposta adequada. Para isto, é preciso recorrer à história da Universidade.

Há hoje um desenvolvimento do ensino especializado nas companhias, nas forças armadas, nas instituições, quaisquer que sejam. Verifica-se imediatamente o defeito deste tipo de ensino: é que está tão adaptado à situação, que nos propõe uma imagem da sociedade realmente assustadora. Se sabemos exatamente qual é o número de instrumentos humanos necessário para que a máquina administrativa, industrial ou militar continue a funcionar, esta máquina não pode mais mudar. Vamos ajustar pessoas para colocá-las em postos totalmente pré-estabelecidos. Assim, o sistema de ensino atual pode propiciar satisfação num certo contexto político, mas culminará numa sociedade estreitamente conservadora, de corporações e castas, dispostas verticalmente umas ao lado das outras.

Podemos pegar como exemplo o Japão. As grandes companhias japonesas consideram-se formas de sociedade completa, herdeiras da organização feudal japonesa. Um jovem japonês, ao entrar numa companhia, será educado no seu interior, percorrendo seu caminho sem sair mais. Mesmo seu lazer desenvolve-se dentro da companhia, onde ele tem clubes esportivos, por exemplo. Se ele viajar nas férias, vai sair com um grupo de turistas da companhia, que tem seus ônibus, seus *charters*, e é uma delegação da companhia que vai visitar o Monte Saint-Michel na França. Vê-se, assim, uma sociedade compartimentada em colunas, onde há uma carreira administrativa em cada uma e é quase impossível haver uma comunicação entre elas. É um sistema de castas que não estão superpostas em camadas horizontais, mas verticais.

Temos exemplos de sociedade deste tipo se examinarmos a História. Há muitas sociedades estratificadas horizontalmente, havendo dificuldade de passar de uma camada para outra, assim como há sociedades estratificadas verticalmente com a mesma dificuldade de passar de uma coluna a outra. A sociedade européia da Idade Média era estratificada verticalmente. As corporações eram cuidadosamente agenciadas e cada área desenvolvia uma carreira e um ensino. Na Europa Medieval podemos opor dois tipos de ensino — o ensino de corporação, dentro de uma parte bem determinada da sociedade, como por exemplo a corporação dos marceneiros. O filho do marceneiro, inicialmente, será aprendiz, até realizar alguma obra para subir na escala de sua hierarquia e ser considerado um marceneiro. O mesmo ocorria com os ferreiros. Cada técnica comportava um ensino interno e mesmo na organização mais geral da sociedade havia uma classe com ensino interno, a nobreza, que aprendia a arte marcial dentro dos castelos, exatamente como se aprendia a ser ferreiro nas forjas.

A Igreja era a única instituição que se esforçava por unificar o ensino e que postulava a universidade como um lugar onde os diferentes conhecimentos se encontravam. Foi a Igreja quem fundou a universidade medieval e o nome Universidade indica que se trata de um estabelecimento no qual, por um certo tempo, vai-se lutar contra a especialização. Os primeiros anos do ensino universitário eram comuns a todas as faculdades, chamando-se colégio. Procurava-se, antes de mais nada, o elo que permitisse a realização dos estudos chamados liberais, em oposição aos mecânicos.

Pois bem, foi o estudo da língua latina e das áreas ligadas a ela que propiciou os estudos liberais. Assim, a universidade medieval pôde relacionar um certo número de conhecimentos da socieda-

de, provocando nela uma transformação profunda, despertando e desenvolvendo a burguesia, ligada ao sucesso da universidade. Portanto, podemos dizer que todas as sociedades atuais, com todos os seus problemas, são o resultado da universidade medieval e sua evolução.

Na origem da universidade, havia algo que se opunha a esta evolução que vemos hoje, e é preciso, para responder às críticas dos especialistas, que a universidade seja capaz de conservar o papel que teve na sua origem. É preciso que ela seja capaz de reencontrar este papel de aproximadora de conhecimentos. Mas a questão que se coloca é que a universidade não pode se contentar em continuar sendo ela mesma, em se reformar segundo sua própria tradição. As críticas que se multiplicam ao seu redor vêm do fato de que o desenvolvimento da pesquisa ocorre atualmente, cada vez mais, fora da universidade, provocando consideráveis inconvenientes, por ser feita sob o manto do segredo e da rivalidade, afastando-se do ensino geral que permitiria que a população fosse beneficiada pelas pesquisas e descobertas feitas em certas áreas especializadas.

A pesquisa nas diferentes forças armadas do mundo é feita, necessariamente, em segredo, o que provoca a espionagem, pois os diferentes países vão tentar saber o que foi descoberto pelos outros. Este segredo ligado à pesquisa militar, evidentemente, leva à guerra. A partir do momento em que o segredo é descoberto, o perigo de guerra diminui. Assim, se a espionagem pudesse ser feita por todos nós e não pelas forças armadas, teríamos a paz. Da mesma forma que o segredo militar culmina com a guerra, o segredo industrial culmina com crises econômicas. Todas as grandes companhias desenvolvem pesquisas técnicas, rodeadas de um segredo tão grande quanto as militares. Nas grandes companhias, automobilísticas, elétricas, elas são desenvolvidas numa espécie de prisão e só se pode entrar num laboratório com dez autorizações — pois uma só não basta. Algumas vezes esses laboratórios são tão fechados que o pesquisador vive trancado dentro da “cidade da pesquisa” Por este motivo, a espionagem industrial desenvolveu-se nos últimos anos, podendo-se comparar suas técnicas às militares. Isto se reflete na literatura policial e nos seriados de televisão, onde a espionagem industrial tornou-se uma séria concorrente da militar. Este segredo impede que soluções já testadas para melhorar um determinado número de técnicas sejam utilizadas pelo público. Trata-se, antes de mais nada, de competir e vencer outras companhias.

A grande objeção colocada pelos especialistas à universidade é que ela, além de não ser adaptada, não tem um nível suficiente-

mente elevado. Os pesquisadores das companhias e das forças armadas acham que a universidade não é capaz de formar direito os pesquisadores de que necessita, agravando esse processo.

À medida que se confisca o resultado das pesquisas, ele não pode ser introduzido no ensino. Portanto, num ensino que possa unir as diferentes partes da sociedade, a universidade é pressionada cada vez mais a assumir seu papel que não é só de ensino, mas de pesquisa: tão importante no desenvolvimento de instituições de pesquisa que poderá persuadir as companhias e o governo de que ela é mais eficaz que a própria pesquisa especializada.

Uma das soluções essenciais aos atuais problemas da universidade é o desenvolvimento da pesquisa. Futuramente, somente ela é que terá suas unidades de pesquisas personalizadas, podendo então pedir o financiamento necessário às companhias ou ao Estado, funcionando cada vez mais como as companhias privadas.

O segundo ponto fundamental, instaurada a pesquisa: é imprescindível que a universidade mostre sua superioridade em determinada área de pesquisa e contra qualquer ensino especializado, interno a uma corporação industrial ou governamental (incluindo-se nessa categoria a militar).

Portanto, a universidade se distinguirá como local de encontro e de comunicação, devendo entender que ela é, antes de mais nada, um local de ensino de língua e literatura, o que se choca com a atual maneira de pensar

A Universidade da Idade Média começava com o ensino do latim, língua universal da pesquisa e do conhecimento superior. As línguas populares que a sucederam tentaram substituí-la, como aconteceu, por exemplo, com o francês. Na minha juventude, ainda, era difícil para um jovem francês aprender uma língua estrangeira, pois não se acreditava nas línguas estrangeiras. Mesmo os professores de inglês e espanhol não acreditavam realmente que fosse importante para um francês saber espanhol ou inglês. Ouvi mil vezes as pessoas me dizerem:

— Mas não é preciso aprender a língua de um outro país, seria um desserviço à gente desse país. E o francês é a língua mais bonita, mais clara e melhor do mundo. Há ainda pessoas que falam holandês, russo, etc. Mas isso não pode continuar; são os holandeses e os russos que devem aprender francês. Isto é, se fôssemos a um país estrangeiro e tivéssemos a franqueza de falar em inglês com os ingleses, seria ruim para eles, pois são eles que devem aprender o francês.

Passei uma boa parte da minha vida difundindo a língua francesa, mas hoje começa-se a perceber, na França, que é até útil saber um pouco de inglês; particularmente no campo da pesquisa está se tornando importante. Mas, nos Estados Unidos, temos uma situação compatível, isto é, as pessoas que lá chegaram, falavam italiano, espanhol, chinês e foram obrigadas a aprender o inglês. E dizem: — Pois bem, já que fomos obrigados a aprender o inglês e agora estamos indo bem, é preciso que os outros passem pelo mesmo e aprendam também.

Todavia, freqüentemente, encontramos pessoas nos Estados Unidos que dizem ser inútil o ensino de línguas estrangeiras. Antigamente havia um ótimo ensino de línguas, mas durante a presidência de Richard Nixon a maioria das universidades diminuiu consideravelmente esse ensino, pois Nixon era o representante dessa parte dos Estados Unidos que achava inútil o aprendizado de línguas; os outros é que deviam aprender o inglês. E hoje podemos dizer que o inglês é, em parte, a língua universal, mas não a mais falada no mundo, contrariamente ao que pensam os ingleses e americanos: é o chinês. E talvez os chineses tenham a idéia de que todo mundo deva aprender o chinês, e espero que muitos aprendam, mas acho que essas experiências mostram que é inútil procurar hoje uma língua universal, que é absolutamente indispensável saber várias línguas e que as universidades devem desenvolver o ensino de línguas, e que só assim poderão continuar a desempenhar seu papel.

Desenvolver o ensino de línguas, significa desenvolver o ensino da literatura. Nos ensinamentos especializados há o ensino de línguas, particularmente do inglês, tanto nas forças armadas quanto nas grandes companhias. Mas é um inglês que reduz à especialização que se faz. Não chega nem a ser um inglês básico, mas apenas um básico orientado. Conseqüentemente, em vez de aprender realmente o inglês, aprende-se uma língua artificial que permite a discussão de, apenas, determinados assuntos. Assim, este ensino fecha mais ainda a sociedade, aumentando as fronteiras entre as nações. Torna-se eficaz na medida em que conserva as estruturas atuais da sociedade em geral, mas, em vez de facilitar a comunicação, torna-a cada vez mais difícil.

Acho isso totalmente errado, pois o que acontece em muitos locais de pesquisa internacional é o seguinte: os pesquisadores — que vêm de todos os países — sabem apenas a mínimo necessário de inglês para poderem continuar suas pesquisas. Existe uma diferença entre a língua materna e o inglês aprendido, pois assim

que surge um problema, aquele que sabe inglês é reconhecido como autoridade, é quem tem sempre razão. Portanto, o conhecimento puramente prático da língua, mesmo em áreas muito especializadas, é insuficiente, pois aquele que conhece verdadeiramente a língua vai acabar tendo a última palavra, vai poder dizer a um outro, numa discussão: — Sim, claro, mas você não sabe que em inglês esta palavra, na verdade, quer dizer isto, que se você quiser dizer o que tentou dizer, deveria ter usado tal palavra, etc. — E a autoridade lingüística é, então, aquela que decide em última instância.

Só há um meio para se escapar do inglês ou francês especializado: é o estudo da literatura, que é a chave de um ensino superior de línguas. Para se chegar a um conhecimento profundo da língua é indispensável estudar os modelos reconhecidos desta língua ou seja, os grandes textos literários que a formaram, assim como os grandes textos de exploração atual da língua.

Quando o ensino universitário estava em crise, no século XVI, como lhe acontece de vez em quando, surgiram problemas na interpretação dos textos sagrados. Tinha-se o hábito de ler os textos em latim, com a tradução de São Jerônimo, mas alguns problemas teológicos aparecendo cada vez mais, pensou-se que talvez fosse melhor consultar o original, em grego. Levando-se em conta que se tratava de uma renovação na pesquisa, na universidade, houve necessidade de garantir melhor o conhecimento do latim para se chegar ao grego. Foi isto que suscitou o estudo sistemático, entre certos jovens, dos grandes autores clássicos do latim. Quando havia uma palavra da Bíblia que provocava controvérsia, tornou-se obrigatório consultar os grandes autores clássicos — Cícero, César, Virgílio, etc. Esta transformação foi tamanha que provocou um movimento enorme chamado Renascimento e o desmoronamento da Igreja Clássica chamado Reforma.

Como vêm, para resolver problemas de especialistas, questões técnicas, chegou-se à conclusão de que se devia estudar a literatura latina. Após um esquecimento de vários séculos, preencheu-se esta lacuna, provocando uma revolução cultural absolutamente gigantesca.

O mesmo ocorre hoje. Se não quisermos ser escravos lingüísticos daqueles cujas línguas adotamos para determinadas técnicas, é indispensável que conheçamos a literatura dessas línguas. E para podermos impor o conhecimento verdadeiro e profundo de nossas línguas, é indispensável conhecer a literatura de nossas línguas.

Entretanto, verificou-se nestes últimos anos uma evolução lamentável na nossa universidade, dando-se mais ênfase às Ciências,



em detrimento das Letras, o que é uma tendência suicida. Se o equilíbrio entre Letras e Ciências não for conservado, as universidades não poderão mais subsistir frente às empresas de ensino especializado, que são, na maior parte, privadas.

Esta distinção entre público e privado não se coloca da mesma maneira que antigamente. No século XIX havia nacionalidade com fronteiras, para todos, propiciando uma organização unificadora em cada nação, em geral ao redor da capital, diferenciando-a da província; como Buenos Aires, por exemplo, onde mais da metade da população está concentrada. Mas hoje esta época está ultrapassada. Foi uma mudança tão fundamental que nossas instituições ainda não se deram conta do fato. Vocês sabem que as grandes companhias industriais ultrapassaram este esquema de nacionalidade. O automóvel nacional do Peru é da Volkswagen, de origem alemã, que tem hoje fábrica em inúmeros países. É o que chamamos de multinacional. Para ela, não existem fronteiras, e nossas fronteiras oficiais, mesmo quando são guardadas por muros terríveis, são superadas hoje pelos meios de comunicação.

Há alguns anos fui à Checoslováquia e estive em Praga, onde me disseram:

— Você precisa ir a Bratislava, porque é uma cidade onde há uma atmosfera totalmente peculiar.

Eu perguntei:

— Bem, e o que acontece em Bratislava? Qual é a sua peculiaridade?

— Ah, você vai ver. É uma cidade mais arejada que as outras da Checoslováquia. As pessoas estão mais a par das coisas.

Não me explicaram mais nada. Fui então a Bratislava e vi antenas de televisão em todos os tetos das casas. É que Bratislava fica perto de Viena, na Áustria, e entre elas há uma fronteira terrível dos dois blocos. Mas Bratislava fica no horizonte das emisoras de televisão de Viena e, através dela, as pessoas podem assistir aos programas austríacos, alemães, americanos, etc., transmitidos de Viena. É o único lugar dos países do Leste, ou quase, onde acontece esse fenômeno. As imagens de televisão passam por cima dos tanques e das metralhadoras. É claro que isto vai ocorrer cada vez mais e para melhor aproveitamento das imagens será útil conhecer a língua.

Então, a universidade deve tomar consciência cada vez mais de seu papel de instituidora da linguagem, e deve, por isso, multi-

plicar o ensino de línguas e literatura. Como não é possível ensinar todas as línguas em todos os lugares, é indispensável que a universidade se diferencie, que ela se relacione com universidades de outros países, ultrapasse as fronteiras nacionais que ainda hoje existem. Por isso a viagem é uma atividade fundamental da universidade. Em alguns países atrasados, pergunta-se absurdamente algumas vezes aos professores universitários:

— Que necessidade têm de viajar? Temos uma universidade do mesmo nível das outras!

Para que o nível de duas universidades possa se elevar, é necessário estabelecer contatos pessoais. Na Idade Média, o professor viajava de uma forma que é assombrosa para nós, levando-se em conta as dificuldades que representavam as viagens na época. Mas Erasmo, por exemplo, viajou muito. Os grandes professores da Idade Média e do Renascimento passavam a vida viajando, o que era importantíssimo. Pois bem, hoje é necessário para um professor viajar. Se me pedissem sugestões precisas para uma universidade futura, eu diria que uma pessoa não deveria ser nomeada professor numa universidade se não tivesse viajado por diversos países. Sempre se deve fazer estágios em diferentes países, para relacionar as diferentes universidades e aumentar a variedade, que não é para a especialização, mas, ao contrário, para tornar as comunicações mais fáceis e rápidas.

A idéia medieval de universidade deve ser substituída hoje pelo que poderíamos chamar de multiversidade, isto é, uma organização na qual as diferenças sejam acentuadas e não apenas toleradas. Assim, em vez de correr atrás do sonho de uma língua universal do saber, é necessário ensinar e estudar o maior número de línguas possível. Por isso é preciso que as universidades se organizem numa espécie de esfera geral da pesquisa lingüística, onde todas as línguas sejam estudadas, tanto as mais faladas quanto as menos faladas, porque elas representam um valor de cultura e de humanidade.

No próximo século vai ser tão importante aprender o estoniano quanto o castelhano, por exemplo. Citei o castelhano porque me lembrei de um fato ocorrido durante minha participação nos trabalhos do Abril Literário Internacional, na Espanha. Havia gente proveniente da Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, países escandinavos, Itália, França, e os espanhóis, que eram os anfitriões. Um dia, a Espanha propôs, como candidato ao prêmio internacional, um escritor catalão. Durante as discussões, alguém disse:

— Um escritor catalão? Mas não, não podemos consagrar a obra de um autor de uma língua provinciana. É preciso que seja de uma língua importante!

Então, um dos escritores catalães que estava lá, não gostou e disse ao representante da Dinamarca:

— Mas será que o senhor percebe o que acaba de dizer? Existem cinco vezes mais pessoas que falam e escrevem catalão do que as que conhecem dinamarquês! Pelo fato de pertencer a um país independente, está achando que as línguas não-oficiais não existem?

E, claro, concluiu-se que o problema não estava aí. Assim, como vêm, pesquisas, diferenciações, idéias de uma multiversidade, multinacional e multilingüística só podem partir da universidade como ponto de encontro de diferentes partes da sociedade e nações do mundo. É o relacionamento da própria universidade com o resto da sociedade.

A pesquisa e o ensino só podem realizar-se num certo lazer. É preciso, portanto, tomar distância. Por isto os *campi* universitários são, freqüentemente, afastados do centro da cidade. A mudança da Universidade de São Paulo é um exemplo desta tomada de distância, que é necessária; mas é preciso também conservar sempre as aberturas entre ela e a cidade.

Eu disse que a universidade não era um mero instrumento de ensino, transmissor de conhecimentos já adquiridos. Ela é um instrumento de pesquisas, de descobertas e de novos conhecimentos. A ligação entre ambos está cada vez mais estreita, o que torna menos absoluta a diferença entre ensino e vida ativa.

Antigamente, nas universidades e no ensino em geral havia, de um lado, os estudantes que ouviam, que aprendiam e, do outro, o mestre, o professor, que sabia e que dispensava conhecimento. A diferença entre os dois era absoluta. Mas, na medida em que se desenvolve a pesquisa, o professor deve sempre se considerar como um estudante, tendo novas coisas para aprender; e, se quisermos colocar em comunicação os diferentes conhecimentos, todo professor será sempre um estudante em relação aos outros professores, os quais poderão ser seus alunos.

Assim, a relação de ensino é uma relação que não deve ser de mão única, deve generalizar-se em todos os sentidos; e só se chega a este resultado não saindo da universidade, já que hoje nunca terminamos de estudar. Se passamos pela universidade, sem-

pre mantemos uma ligação com ela. Assim sendo, o problema da relação com a sociedade deve ser colocado em termos completamente diferentes. É preciso considerar a sociedade inteira como instrumento de ensino e pesquisa e a universidade, ou as diversas instituições a ela ligadas, como o lugar de concentração daquilo que deve acontecer na sociedade. Isto é, é a sociedade que deve estar no interior da universidade, e a partir desse momento os problemas se resolverão.

Portanto, refletir sobre a reforma da universidade implica em refletir sobre a reforma da sociedade, pois a universidade que tivermos depende da sociedade que quisermos. Se quisermos uma sociedade completamente conservadora, já sabemos qual é a solução. Se quisermos outra solução, outra sociedade, então é indispensável reformarmos nossa universidade. Portanto, a reforma da universidade está ligada à reforma da sociedade. Mas há um aspecto essencial: quando o percebermos, a reflexão sobre a própria sociedade se transformará.

Toda a grande reflexão política do século XIX, sobre a qual os diferentes governos se baseiam ainda hoje, mantém o mesmo preconceito: o ensino europeu clássico é que era o bom, não deveria ser alterado, não havendo necessidade de revoluções culturais; que o ensino após as reformas napoleônicas — ensino ligado às nações — era considerado por todos os grandes teóricos, como Proudhon, Marx e outros, como um ensino que se desenvolvia por si só. Todavia, hoje é indispensável renovar profundamente a reflexão política inteira e renová-la a partir desta ligação estreita entre formas da sociedade e formas da universidade.

Pois bem, eu lhes desejo sinceramente que venham a preparar uma boa universidade no interior de uma boa sociedade, ou se preferirem, uma boa sociedade no interior de uma boa universidade, mas acho que esta fórmula é suficiente para avaliar as dificuldades que, provavelmente, irão encontrar